

# MOSAICO **inform**<sup>45</sup>

INFORMAÇÃO SOBRE OS DIREITOS HUMANOS  
E O TRABALHO DO MOSAICO | INSTITUTO PARA A CIDADANIA



## DIREITOS DOS IDOSOS



Estórias da história - Pág. 08  
**RECONTAR TRADIÇÕES**



Entrevista - Pág. 14  
**ESPERANÇA DA PIEDADE**



Reflectindo - Pág. 18  
**O IDOSO EM ANGOLA**



## MOSAIKO inForm

### FICHA TÉCNICA

#### PROPRIEDADE

MOSAIKO | Instituto para a Cidadania

NIF: 7405000860

Nº DE REGISTO: MCS - 492/B/2008

#### DIRECÇÃO

Júlio Candeeiro, op  
Pedro Ouana, op

#### SUPERVISÃO

Sílvia Cristina

#### REDACÇÃO

António Gongga  
Mandele Rocha

#### FOTOGRAFIA DE CAPA

Ae Cupessala

#### COLABORADORES

Maria Benguela  
Jorge Quilenda  
Sara Kaminga

#### ARTE GRÁFICA

André M. Cupessala  
Gabriel Kahenjengo

#### CONTACTOS

Bairro da Estalagem - Km 12 | Viana  
TM: (00244) 990 775 815  
TM: (00244) 929 775 815  
Caixa Postal 2304 - Luanda | Angola  
E-mail: [mosaiko@mosaiko.op.org](mailto:mosaiko@mosaiko.op.org)  
[www.mosaiko.op.org](http://www.mosaiko.op.org)  
[www.facebook.com/MosaikoAngola](https://www.facebook.com/MosaikoAngola)

#### IMPRESSÃO

Damer Gráficas SA - Luanda

TIRAGEM: 2500 exemplares

#### DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Os artigos publicados expressam as opiniões dos seus autores, que não são necessariamente as opiniões do Mosaiko | Instituto para a Cidadania.

## índice

MOSAIKO INFORM Nº 45 - DEZEMBRO 2019  
TEMA: DIREITOS DOS IDOSOS

- PÁG. 03 *editorial*  
A importância de proteger os Idosos
- PÁG. 04 *informando*  
Protecção do Idoso em Angola
- PÁG. 08 *estórias da história*  
Contar e recontar tradições
- PÁG. 09 *figura em destaque*  
Domingos Gaspar
- PÁG. 10 *construindo*  
Uma tradição angolana de governar
- PÁG. 14 *entrevista*  
Esperança da Piedade
- PÁG. 18 *reflectindo*  
O Idoso em Angola
- PÁG. 20 *noticias*  
Uma vida pela comunidade

#### COM O APOIO



“

O QUE UM IDOSO VÊ SENTADO UM JOVEM NÃO  
CONSEGUE VER DE PÉ

”

*Provérbio Ibo*



# editorial

## A importância de proteger os Idosos

*Júlio Gonçalves Candeeiro, op*  
*Director Geral*

Fotografia: ©André Cupessala

### Estimado leitor/a

A esperança média de vida do ser humano ronda os 70 anos e, se robusto, pode prolongar-se até aos 80 (Salmo 70). Chegar à velhice deveria ser o caminho normal para todas as pessoas, já que, todo o ser humano foi criado para viver e aspira viver eternamente.

Em África, diz-se que “na boca de um velho pode ter dentes podres, mas nunca palavras podres”. Os idosos são verdadeiras bibliotecas vivas, um tesouro a cuidar, mas lamentavelmente, nem sempre são vistos como tais.

Em muitas sociedades, os idosos são considerados como um peso para o Estado, no sistema de saúde, na segurança social... E um peso, inclusive para os próprios filhos e netos que muitas vezes, consideram-nos bruxos e responsáveis pelos males que acontecem às famílias.

Os idosos e os seus direitos são o foco da presente edição do **Mosaiko Inform**. Sabemos que a nível internacional reconhece-se o direito a uma protecção na velhice, equiparada à protecção na invalidez. Em Angola, um país maioritariamente constituído por jovens e uma geração adulta morta nas várias guerras, a descontinuidade geracional é um verdadeiro desafio à preservação da memória colectiva.

Na secção Reflectindo, sentimos, nas palavras de Jorge Qui-lenda, o apelo contido de um idoso que ainda espera por

melhores dias. Domingos Gaspar, a figura em destaque nesta edição, transmite o desejo de aos 80 anos continuar a ser útil à sociedade. E é essa perspectiva que tentamos reforçar na secção Construindo, trazendo o trabalho do soba e seculo do Tange, na província do Uíge. RelembRANDo, ainda, a importância da tradição oral, Maria de Lurdes Benguela realça o papel do idoso na reprodução cultural e passagem de valores de uma geração para a outra.

Ao abordar os direitos da pessoa idosa, o Mosaiko quer dar a conhecer a carta de direitos das pessoas idosas, de modo a que diminuam as situações de abusos como solidão, maus-tratos e a total demissão do Estado que não constrói centros para idosos, não apoia quem o faz nem incentiva particulares a investirem neste sector. Hoje os nossos “beirais” são verdadeiras casas de abandono.

O Mosaiko promove e defende um desenvolvimento integrado e sustentado que contribua para o aumento da esperança de vida. Logo é preciso que o Estado crie mecanismos para que se garanta uma velhice com dignidade, protecção e os direitos dos idosos sejam assegurados por todos, em especial pelas instituições do Estado.

**Boa leitura!**



Visite a  
**BIBLIOTECA  
MOSAIKO**

Temos mais de  
9.000 livros  
para si!

Estamos abertos de **Segunda a Sexta-Feira, das 8h30 até 16h30**  
e **Sábado das 8h30 até 12h00**. Mais informações: 929 775 815

[www.mosaiko.op.org](http://www.mosaiko.op.org) | [www.facebook.com/mosaikoangola](https://www.facebook.com/mosaikoangola)

*informando*

## PROTECÇÃO DO IDOSO EM ANGOLA

*Que direitos têm afinal os nossos mais velhos? Há leis e programas específicos para protegê-los? Medidas concretas de apoio e de valorização do idoso?*

Neste momento e segundo as recentes projecções do Instituto Nacional de Estatística, há 763.343 idosos em Angola à espera de respostas.

Relembrados apenas no Dia Nacional do Idoso, a 30 de Novembro e, neste último, apesar de reconhecer que actualmente os idosos são mal-tratados, abusados sexualmente, acusados de feitiçaria, abandonados, privados dos seus direitos e castigados pelos insucessos dos seus familiares, a ministra da Acção Social, Família e Promoção da Mulher, Faustina Inglês Alves, apresentou um projecto de sensibilização e moralização das famílias e da sociedade: O Projecto Jango de Valores.

A governante referiu o Plano de Desenvolvimento Nacional 2018-2022 (PDN) como complemento à política e estratégia para a pessoa idosa sem, no entanto, avançar objectivos ou resultados concretos.

No PDN encontra-se: “O problema do idoso” no âmbito da valorização da família e reforço das competências familiares da seguinte forma: “No quadro da vulnerabilidade familiar, destaca-se também o problema do idoso. Têm vindo a aumentar as situações de abandono de pessoas idosas que, muitas vezes sem o apoio familiar, se encontram em situação de isolamento e carência, tornando-se vulneráveis e desprotegidas”.

Nesta sequência, atribui-se um objectivo: “Garantir melhores condições de vida às pessoas idosas, em especial as que se encontram em situação de risco, po-

breza e de isolamento social, através de apoios sociais pontuais e de acolhimento, em situações extremas, em lares”, lê-se.

E duas metas sem, no entanto, detalhar como atingi-las: “O número de pessoas idosas em situação de risco acolhidas em Lares de Assistência à Pessoa Idosa em cada ano passa de 928, em 2017 para 980, em 2022”. A outra meta: “O número de pessoas idosas assistidas com ‘Cesta Básica de Alimentos’ em cada ano, passa de 2015, em 2017 para 15 mil, em 2022”.

O mesmo plano estabelece como prioridade “alargar a capacidade dos lares de assistência à pessoa idosa”; E “garantir o acesso a alimentação saudável às famílias e pessoas idosas em situação de pobreza e vulnerabilidade através da atribuição da ‘Cesta Básica de Alimentos’.

*“Os idosos são mal-tratados, abusados sexualmente, acusados de feitiçaria, abandonados...”*

A responsabilidade de execução do objectivo e metas é do MASFAMU, entretanto e tendo em conta que Bengo e Cunene, acolhem perto de 50 mil pessoas com mais de 65 anos são, portanto, as províncias em que se con-



Fotografia | © Adriano A.J Lourenço

taram mais idosos no Censo 2014, no PDN 2018-22 não há nenhuma orientação, aposta estratégica ou é considerada prioridade o investimento em qualquer medida que contemple os idosos nestas províncias.

### **Acolhimento público**

Actualmente, o Governo dispõe apenas de 17 lares de terceira idade para todo o país que, segundo divulgou a ANGOP, acolhem mais de 900 idosos, sendo Moxico, a que mais lares concentra (quatro), Huambo tem três, Cuanza Sul, dois e um lar em cada província de Luanda, Huíla, Bié, Benguela, Cuando Cubango, Lunda Sul, Namíbe e Uíge. Curiosamente estas províncias registadas como tendo mais idosos no país, no caso Bengo e Cunene, não dispõem de qualquer instituição pública de acolhimento de idosos em risco.

Quanto às condições dos lares, pode-se tomar como exemplo os relatos, infelizmente comuns que chegam



Fotografia | © DR

do Beiral, na capital do país, Luanda, que acolhe perto de uma centena de idosos. Há queixas de maus-tratos, carências afectivas, alimentares e de cuidados básicos e específicos, número insuficiente de auxiliares e ausência de médico, reportou a ANGOP.

### **Angola não é para velhos**

Sendo um país jovem, seria de esperar que as políticas fossem direccionadas para o desenvolvimento da maioria jovem e criança. No entanto, percebe-se que estes nem sempre são os principais beneficiários ou alvo prioritário do Estado. E se a maioria não é, o que restará então, à minoria, os idosos que são pouco mais que 2% da população Angolana?

Ignorados e marginalizados pela sociedade e pelo Estado, os idosos Angolanos têm um futuro determinado pela ausência de condições, com políticas e estratégias que não dão qualidade de vida, pelo contrário, precipitam o inevitável.

Contrariar este cenário pressupõe criar medidas que confirmem dignidade ao idoso, devolvam a esperança e concedam qualidade de vida. Incluir os idosos, tornando-os determinantes para o desenvolvimento integral da sociedade, protegê-los com os cuidados específicos de saúde, o conhecimento dos seus direitos e enriquecê-los dando-lhes meios e perspectivas de crescimento pessoal e social.

## Direitos dos Idosos | Princípios das Nações Unidas para o Idoso

### INDEPENDÊNCIA

1. Ter acesso à alimentação, à água, à habitação, ao vestuário, à saúde, a apoio familiar e comunitário .
2. Ter oportunidade de trabalhar ou ter acesso a outras formas de geração de rendimentos.
3. Poder determinar em que momento se deve afastar do mercado de trabalho.
4. Ter acesso à educação permanente e a programas de qualificação e requalificação profissional.
5. Poder viver em ambientes seguros adaptáveis à sua preferência pessoal, que sejam passíveis de mudanças.
6. Poder viver na sua casa pelo tempo que for viável.

### PARTICIPAÇÃO

7. Permanecer integrado na sociedade, participar activamente na formulação e implementação de políticas que afectam directamente o seu bem-estar e transmitir aos mais jovens conhecimentos e habilidades.
8. Aproveitar as oportunidades para prestar serviços à comunidade, trabalhando como voluntário, de acordo com os seus interesses e capacidades.
9. Poder formar movimentos ou associações de idosos.

### ASSISTÊNCIA

10. Beneficiar da assistência e protecção da família e da comunidade, de acordo com os seus valores culturais.



## Direitos dos Idosos | Princípios das Nações Unidas para o Idoso

### ASSISTÊNCIA (continuação)

11. Ter acesso à assistência médica para manter ou adquirir o bem-estar físico, mental e emocional, prevenindo a incidência de doenças.
12. Ter acesso a meios apropriados de atenção institucional que lhe proporcionem protecção, reabilitação, estimulação mental e desenvolvimento social, num ambiente humano e seguro.
13. Ter acesso a serviços sociais e jurídicos que lhe assegurem melhores níveis de autonomia, protecção e assistência.
14. Desfrutar os direitos e liberdades fundamentais, quando residente em instituições que lhe proporcionem os cuidados necessários, respeitando-o na sua dignidade, crença e intimidade. Deve desfrutar ainda do direito de tomar decisões quanto à assistência prestada pela instituição e à qualidade da sua vida.

### AUTO-REALIZAÇÃO

15. Aproveitar as oportunidades para o total desenvolvimento das suas potencialidades.
16. Ter acesso aos recursos educacionais, culturais, espirituais e de lazer da sociedade.

### DIGNIDADE

17. Poder viver com dignidade e segurança, sem ser objecto de exploração e maus-tratos físicos e/ou mentais.
18. Ser tratado com justiça, independentemente da idade, sexo, raça, etnia, deficiências, condições económicas ou outros factores.

**Nota:** Resolução 46/91 Aprovada na Assembleia Geral das Nações Unidas a 16/12/1991



Fotografia | © DR

### Protocolo Africano de protecção dos Idosos

Angola ainda não aderiu ao Protocolo da Carta Africana dos Direitos Humanos e dos Povos relativo aos Direitos dos Idosos em África, seria mais um instrumento de protecção dos idosos com especificações contextualizadas à realidade Africana e Angolana. Este protocolo foi adoptado pela 26ª Sessão Ordinária da Conferência de 30 e 31 de Janeiro de 2016 em Adis Abeba, Etiópia. ●

Texto: *Redacção Mosaiko*

## estórias da história

# CONTAR E RECONTAR TRADIÇÕES

A arte de contar histórias é tão antiga quanto o ser humano. Esta tradição milenar que atravessa o continente Africano ainda é perpetuada pelos “mais velhos” que juntam a população ao seu redor e transmitem a memória viva, princípios e provérbios de geração em geração.

Há comunidades em que esta tarefa é só dos anciãos, mas noutras passa de pais para filhos. A família Kouyaté, da região do Mali, por exemplo, mantém esta tradição desde que os mandingas e depois, os malinqués do noroeste Africano no século XIII, nomearam Bala Fasekê Kouyaté como griot do imperador Sundiata Keita. Num tempo em que era necessário ensinar sobre “o poder da palavra para unir e a sua responsabilidade na construção e manutenção da paz”.

Griot é uma palavra francesa usada a partir do século XVII, uma tentativa dos colonos para se aproximarem do termo malinqué: Diéli que alguns investigadores associam ao verbo gritar. Mas muitos antes, a função de contador de histórias teve várias denominações e além de Griot: Bambaado, Jaaro, Wambaabe, Guewel, Marok’i...

Na África Antiga, os griots eram também responsáveis por firmar transacções comerciais entre impérios e comunidades, transmitir factos da actualidade e ensinamentos culturais através do discurso oral ou do canto. Hoje, os griots estão presentes em muitos lugares da África Ocidental como Mali, Gâmbia, Guiné, Mauritânia e Senegal, entre os povos Fula, Hausá, Woolog e Dagomba.

Bala Fasekê Kouyaté foi determinante para o sucesso da

*“O poder da palavra para unir e a sua responsabilidade na construção e manutenção da paz”*

aliança política que durou dois séculos entre os 12 reinos que compunham o império de Keita. Hoje, conforme concluem as autoras do livro “Toques do Griot”, relembrar Kouyaté “é valorizar a palavra que rompe o esquecimento, glorifica a conquista do passado e mostra a importância de uma aliança”.

Esta tradição oral como forma de preservar a sabedoria da ancestralidade é também, uma prática em países como Angola, Cabo Verde e Moçambique. O linguista e missionário suíço, Héli Chatelain, que chegou a Angola em 1885, identificou seis categorias da literatura oral: A



Fotografia | © DR

primeira, de histórias de ficção; a segunda, de histórias verdadeiras ou tidas como orais; a terceira, de malundas, em que os feitos da nação ou tribo eram transmitidos entre os anciãos; a quarta composta por provérbios que sintetizam estórias; e por fim, a quinta e sexta de poesia e música, com estilos variados, desde o épico ao dramático, às adivinhas. ●



# figura em destaque

## DOMINGOS GASPAR

### “Avô Mingo”

Aos 87 anos é destemido e está pronto para lutar pela Angola que sonha.



Fotografia: ©Ae Cupessala

*“Não há biscato, então, vendo para ajudar a mãe em casa e não ficar só a dormir”*

Vaidoso e com uma aparência jovial, Domingos Gaspar, com seus 87 anos de vida, transporta o fardo de um passado repleto de lutas, sacrifícios e conquistas. Caracterizado pelos mais próximos como pessoa afável, simples e comunicativo, Domingos Gaspar é engenheiro de Construção Civil e viveu toda a sua infância em Catete, no Icolo Bengo, a sua terra natal.

“Tive uma infância de muito sofrimento, o colono naquela altura, escravizava os nossos pais e nós tivemos que fazer alguma coisa para sermos livres”, contou o Avô Mingo como é carinhosamente chamado. Com nostalgia, relembra a sua infância sem grandes condições financeiras e, por isso, recorda ter começado a trabalhar desde tenra idade.

Durante a sua adolescência e juventude, fez parte do grupo de jovens angolanos que sonhavam com um país livre da opressão colonial e por essa razão, foi preso várias vezes pelo colono. “Saí de um combate muito grande contra a escravatura. Eramos a juventude do sofrimento, foi pior nos anos 1959 para 1961, aquilo foi um grande sofrimento mesmo”.

Avô Mingo, ainda tem memórias daquela madrugada, em 1961, quando vários angolanos desencadearam um ataque à Cadeia de São Paulo e à Casa de Reclusão, em Luanda, dando início à Luta Armada, que culminou com a proclamação da independência nacional, a 11 de Novembro de 1975.

Actualmente aposentado, tem três filhos e 34 netos, recebe uma renda mensal na caixa social, mas no seu dia-a-dia dedica-se à venda de bens alimentares numa bancada, à porta de casa, onde além de ajudar

a família, procura fazer alguma coisa para se sentir útil. “Eu sou engenheiro de profissão, não há biscato, então vendo para ajudar a mãe em casa e não ficar só a dormir”.

O octagenário diz que sempre recebeu o apoio da família e apela aos mais jovens a respeitarem os seus pais e avós, para não perderem os seus traços culturais. Apesar da idade, mantém-se esperançoso, acreditando numa Angola melhor, com mais amor e respeito pela pessoa idosa, tanto por parte das famílias, como da sociedade em geral.

*“Eu ainda jogo à bola, se me aparecer trabalho, vou trabalhar”*

Na sua visão, o país ainda está muito longe quanto ao desenvolvimento social e económico. E a importação de produtos alimentares é a sua maior preocupação. “Antigamente, havia indústria, cultivávamos tudo, havia milho, café, algodão, muita coisa. O branco levava tudo, a nossa terra é muito fértil”. Para o Avô Mingo, o Estado deve melhorar as políticas de governação e dar mais dignidade aos antigos combatentes e veteranos de guerra.

Domingos Gaspar, sonha em voltar a trabalhar e ajudar Angola a desenvolver. “Eu tenho de trabalhar, eu ainda jogo à bola, se me aparecer trabalho, vou trabalhar”.

Texto: Sara Kambinga

*construindo*

## UMA TRADIÇÃO ANGOLANA DE GOVERNAR



*Quando se chega ao bairro do Tange, no Uíge, não há estradas asfaltadas ou casas luxuosas, mas tudo está no seu devido lugar...*

Entre o estádio pelado à entrada do bairro até à Cooperativa Agrícola do Tange, há um olhar cuidadoso que percorre todo a zona e garante a ordem. André Sandi, 84 anos e José Luís, 63, seculo e soba, respectivamente, são os guardiões do Tange. Controlam 6785 habitantes e estão a par de quem acaba de nascer ou morrer, quantos homens, mulheres, crianças... Registam tudo, fazendo valer a experiência de André Sandi como chefe de arquivo da Fazenda, no final da década de 50.

O seculo Sandi nasceu a 3 de Setembro de 1934, na aldeia que hoje é o bairro do Tange. Toda a sua família viveu nesta localidade, mas é o único sobrevivente de 20 irmãos que também nasceram e morreram naquele bairro. Hoje ainda recorda um irmão que se formou pastor, foi estudar fora e voltou para fundar igrejas. Já Sandi só fez a 3ª classe na Missão Evangélica do Norte de Angola. “Não quis estudar mais porque os professores batiam muito”, revela.

“Brincávamos e íamos aos campos ajudar os pais depois da escola. Na altura a cultura que dava dinheiro era o café, depois a mandioca, milho, feijão, ginguba, banana...Tirava-se 100 sacos por ano de café, ficávamos com uns 50 quilos para consumo, o resto era para vender”, conta.

Os habitantes da aldeia estavam rodeados por fazendas com bananeiras, abacateiros, mangueiras, laranjeiras... “Quem cultivava mandioca, trocava por peixe ou o milho por açúcar”.

“Vivíamos nas casas de pau-a-pique com capim em cima, mas de 1961 para cá, começou a mudar, já havia casas de adobe, bloco, tijolo com chapas em cima”. A mudança deu-se com a guerra contra o colonialismo, os portugueses queimaram toda a aldeia, as famílias fugiram para as matas e jovens como Sandi, tornaram-se guerrilheiros.

A guerra apanhou-o já com “uma mulher e dois filhos”. “Havia uma área só para guerrilheiros e as famílias ficavam seis, oito quilómetros afastadas, escondidas nas matas. Os guerrilheiros ficavam à frente, a fazer barreira para a tropa não entrar nas matas”.

A vida nas matas tinha regras próprias. Manteve-se o cultivo, “mas não se podia fazer fogueiras de dia tinha que ser só à noite. Tínhamos de tudo, só faltava sal e medicamentos”.

De 1963 até 1970, os guerrilheiros foram perseguidos pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE). Os guerrilheiros combatiam com armas de kimbundu (armas artesanais de tubos de ferro e pré-



Fotografia: © DR

-fabricadas) e sem o mesmo poder de fogo que o adversário, em 1964, “vi que a coisa começou a apertar então apresentei-me”. Sandi rendeu-se ao inimigo.



Cooperativa Agrícola do Tange | © DR

A partir daí, foi obrigado a ser regedor da aldeia durante 12 anos, mas ainda assim, não se livrou das cadeias da PIDE. “Fui preso porque pensavam que tinha contacto com o pessoal das matas. Fiquei 7 meses e 17 dias.”. Depois disso, continuou a ser regedor sob ameaça “o governo do distrito disse-me: Ou morre ou continua a trabalhar connosco”.

Sandi explica que a guerra pela libertação de Angola fez-se com três tipos de guerrilheiros: “Um na mata; Um no exílio; E outro, ao lado do inimigo e esse, às escondidas, passava sal e algum medicamento”.

Como regedor da aldeia do Tange, controlava, naquela altura, 2820 pessoas, maioritariamente mulheres. Era preciso construir novas casas já que anos antes, toda a aldeia tinha sido queimada pelos colonos. E assim, aos poucos, a aldeia foi ganhando vida e as mulheres voltaram ao cultivo para sustento das famílias.

Cada vez que alguém ficava doente, o regedor acompanhava ao hospital. Era ele quem incentivava as crianças a estudar, sobretudo aquelas que não queriam ir para a escola. O “Papá Sandi” que chegou a fugir da escola porque batiam, passou a obrigar os filhos do Tange a estudar e “se eles não ouvem a gente bate”...

*construindo*

## UMA TRADIÇÃO ANGOLANA DE GOVERNAR

### O Tange hoje

O Tange sempre foi liderado por homens, hoje já não há regedor, Sandi passou de soba a seculo e José Luís é agora, o soba do Tange. Mas “há mulheres conselheiras ou chefes de quarteirão”, assegura o soba, acrescentando que “o bairro está estruturado em



▼ Soba José Luís | © DR



Café produzido na Cooperativa Agrícola do Tange | © DR

nove zonas, cada uma tem cerca de 800, 900 ou 500 habitantes e, por norma, nas zonas com menor número de habitantes, há uma mulher a mandar”.

É o soba quem indica que áreas ainda estão disponíveis para habitar e autoriza a compra de terrenos. José Luís questiona ainda o futuro habitante do bairro sobre o tipo de casa que pretende construir e agenda a cerimónia de lançamento da primeira pedra.

“Há uma comissão de mais velhos chefiada pelo Papá seculo que lança a primeira pedra da construção, proferindo palavras tradicionais como: Aqui tem que viver bem; Se é feiticeiro deixa o teu feitiço lá; Se é gatuno, deixa a tua gatuneza lá; E aqui nós queremos viver em união. Cumpre-se o ritual, entrega-se um garrafão de vinho fechado, uma grade de gasosa, uma de cerveja e um churrasco”, explica o soba.

Os bens entregues para o cerimonial servem apenas aos mais velhos e o soba insiste em dizer que “autoriza a pessoa a construir, mas dinheiro não entra! Esta é a regra tradicional”.

### À lei da palmatória

Se houver roubo, “obedece-se ao que está estipulado na lei, mas o sujeito apanha também algumas palmatórias”, refere o soba que transmite sempre a todos a ideia de que quem furta uma casa prejudica o sustento dessa família.

“Alguém que foi alvo de roubo, não faz justiça por mãos próprias, apresenta a sua queixa ao Papá seculo denunciando quem suspeita que tenha cometido o roubo. Em seguida, o seculo ordena o soba a notificar por escrito. Essa notificação é entregue à pessoa que chefia a zona onde mora o tal suspeito que tem que vir responder perante uma audiência”, esclarece.

Caso o suspeito responda logo, a pena pode até ser atenuada, mas quando não responde, o soba recorre a outro mecanismo. “Temos um grupo de jovens organizado de defesa comunitária, eles tentam inicialmente conversar e convencer a pessoa a ir à audiência, caso não tenham sucesso, por vezes, obrigam coercivamente”.

### “As mãos que usas para trabalhar, usaste para roubar”

Há duas acções concretas que são dissuasoras de má-conduta. Por um lado, há todo um processo correcional em que o prevaricador é exposto e punido com palmatória publicamente. O soba garante que muitos preferem os castigos que também podem ser capinar ou cavar fossas. “Se o prejuízo que causaram é de dez mil Kzs, a família do suspeito tem que pagar à outra família, mas o que roubou será responsabilizado e fará juramento. O povo é convocado para verem o castigo a ser aplicado e vai acompanhando todos os passos”.

Por outro lado, o soba constata que agora há menos violações porque na agenda do bairro constam iniciativas de sensibilização que ensinam como viver em comunidade, como tratar os vizinhos, proteger os filhos, os netos...

“Temos um lugar onde nos concentramos e, tanto o soba como o seculo, passam regularmente esses princípios ao povo. Nessas ocasiões também pedimos que dêem opinião sobre nós e a nossa forma de administrar o bairro”, conta.

Os casos que envolvem sangue não são tratados no bairro, mas tanto o soba como seculo reúnem as informações por escrito, participam e entregam o suspeito à polícia.

### Pedras no nome

José Luís é soba há 7 anos, pai de cinco rapazes e oito meninas, antes “já foi um homem da construção civil e fazia a minha vida assim, mas quando o povo decidiu que eu devia ser o soba, eu segui a vontade do povo”.

Se antes, o sobado passava de pais para filhos, agora, “nomeamos aquele que é bom. Há uma fase de candidatura em que alguns nomes são publicados, depois há um momento em que o povo elege, colocando uma pedra no nome da pessoa que querem que seja soba. O que tiver mais pedras ganha”.



“Papá Sandi, o seculo André Sandi faleceu pouco tempo depois de ceder entrevista ao Mosaiko Inform. Em jeito de homenagem, relembramos neste artigo, toda uma vida e obra dedicada ao povo do Tange.”

Este sistema de votação é anterior ao Papá seculo, contudo os candidatos e os nomeados acabam sempre por pertencer à mesma família.

José Luís projectou a casa onde dirige os assuntos administrativos do bairro e gere a cooperativa agrícola que produz e ensaca café todos os anos para a Índia. A cooperativa dispõe ainda de moedoras que servem toda a população do bairro para produzir farinhas de bombó e milho.

“Já disse que não quero ser mais soba, mas o povo diz: Não... fica ainda” e José Luís lá continua com o Tange debaixo de olho. ●

## entrevista

### ESPERANÇA DA PIEDADE

**“Não sei se existe algum direito dos Idosos que não é violado”**



Fotografia: ©Sílvia Cristina

*A coordenadora da Associação para o Serviço de Apoio e Dignidade do Ancião, Esperança da Piedade, conta como com pouco alguns idosos ainda cuidam uns dos outros.*



*Desde quando existe esta ONG?*

Começamos no dia 14 de Fevereiro do ano de 2006, este foi o dia em que acolhemos a primeira idosa que veio parar aqui. De lá para cá, todos os dias acolhemos, voluntariamente idosas e idosos que vêm bater à nossa porta.

### O que fazem no dia-a-dia?

Aqui funcionamos das 6 horas da manhã às 18 horas. E as mamãs chegam de manhã, ajudam a limpar e a organizar. Quando é preciso capinam, ajudam a cozinhar, lavar roupa, enfim... Mas não permanecem aqui, voltam para as suas casas. Há exceções, algumas que não têm condições de voltar para casa, ficam, mas, não obrigamos a nada, são livres.

### Quem são estas mamãs?

A maioria são mulheres do campo, em média têm 65 anos, vieram de lugares distantes, a fugir da guerra e foram encontrando sítios, onde ficavam e faziam as suas pequenas lavras. Mas, hoje essas lavras deram lugar aos condomínios. As mamãs lamentam até hoje com lágrimas nos olhos, quando passam e ainda encontram algumas mangueiras que elas próprias plantaram e dizem: “Aquelas mangueiras foram plantadas por mim, aquelas pelo falecido meu marido”. As mamãs foram arrancadas de lá. E então, ficam assim, algumas estão até traumatizadas, outras mais conformadas.

*“Fui visitar uma mamã que estava doente, acamada e fui ameaçada pelo filho dela”*

### Quem acolhe e acompanha estas mamãs aqui na ASADA?

Aqui na Associação não temos profissionais específicos para as situações todas, mas ajudamos, procuramos ouvir e aconselhamos no que for preciso. Muitos familiares não querem que elas venham aqui, porque sabem que se vão queixar, mas elas não aguentam. As que mais passam mal em casa nem chegam aqui...

### Nesses casos a ASADA tenta aproximar-se dessas famílias?

Queremos estar o mais próximo possível destas pessoas, mas nem sempre somos bem recebidas. Houve até uma situação, em que fui pessoalmente visitar uma mamã que estava doente, acamada e fui ameaçada pelo filho dela. Mais tarde fiquei a saber que a senhora acabou por falecer. Infelizmente esta é a situação de muitos idosos.



### A ASADA recebe algum tipo de apoio?

Mantemo-nos com o que nos dão as pessoas particulares que nos conhecem e oferecem uma caixa de leite, arroz ou fuba. Sempre às quintas-feiras, as mamãs vêm e perguntam se não há nada para levarem, porque muitas vezes em casa, não têm nem sal. É muito difícil vermos toda esta situação! Mas, graças a Deus, aqui nunca passamos um dia sem uma refeição. Mas pedimos que alguém nos ajude, com materiais para fazermos trabalhos manuais ou outras coisas que as mamãs não tiveram oportunidade de aprender.

### Quais são os direitos dos idosos mais violados em Angola?

Não sei se posso dizer que existe algum direito dos Idosos que não é violado, no nosso País. É uma realidade triste, triste! Sinto que os idosos são muito desprezados seja pela família, seja pela sociedade.

*entrevista*

**ESPERANÇA DA PIEDADE**

COORDENADORA DA ASADA

*Qual deve ser o papel da família e da sociedade no cuidado com o idoso?*

Sabemos que a família deve ser a base de tudo. E no cuidado com o idoso, seja em casa ou na sociedade, devemos sempre ter em mente que esta pessoa é como se fosse uma planta. Se temos um jardim bonito, mas não regamos, as flores murcham. O idoso devia receber mais atenção, nós temos muito ainda para transmitir. O idoso tem a universidade que lhe foi conferida pelo tempo, pela vida... Precisamos dar conta do quão importante é dar atenção ao idoso. E quão infeliz é quem despreza o idoso e só se serve dele como material de propaganda.

*Como podemos valorizar mais os idosos na família?*

Os mais jovens deveriam ouvir-nos mais, sentar e conversar. Mas, agora com a globalização, a juventude prefere ir buscar tudo ao mercado. O que mais ouvimos é: “ah, a avó fala muito, fala atoa”. Quase nunca perguntam algo, nunca sentam para conversar. Acham melhor pegar no telefone para investigar na Internet e não têm tempo para nos ouvir, para aprender a sua cultura.

*Acredita que os idosos estão a ser trocados pelos aparelhos eletrónicos?*

Sim. Os mais jovens querem aprender tudo só com as máquinas. Por isso é que a avó e o avô ficam inquietos em casa. E os mais novos acabam por ficar incomodados e deixam-nos no “Beiral” ou expulsam-nos de casa. Infelizmente, os idosos estão a ser deixados de qualquer jeito por aí, como se fossem nada. Mas, graças a Deus, nem todo o mundo é igual. E há pessoas que valorizam, que mimam bem o seu idoso e até, não se sentem bem sem a presença dos avós. A ASADA, por exemplo, tem amigos e colaboradores que são jovens que estão sempre por aqui, preocu-

pados em servir, ajudar, animar. Há quem venha até celebrar o aniversário e fazer pedidos de casamento aqui, há jovens que gostam de nós. É bom termos a presença de jovens connosco.

*“Infelizmente, os idosos estão a ser deixados de qualquer jeito por aí, como se fossem nada”.*

*Como é que um idoso pode reintegrar-se e ser socialmente activo?*

Primeiro é preciso criar as condições para se envelhecer com dignidade. E dar conta que envelhecer não é uma doença. A vida é para ser vivida e se a pessoa ainda puder fazer alguma coisa, deve ser-lhe dada a oportunidade de fazer.

*Que tipo de oportunidade?*

Nem todos os idosos tiveram oportunidade de estudar e isso não significa que não seja uma pessoa. Infelizmente vivemos num tempo em que o académico está preocupado com o seu título e mais nada. Há casos até, em que a pessoa durante toda a sua vida fez de tudo, para que o filho fosse estudar e tivesse uma boa profissão, e hoje, esse filho já formado, é até médico, nem cuida dos pais. Os pais podem estar ali, na casa dele, mas não conhecem o “bom dia” deste filho. Nem nada, apenas está lá, como um móvel ou uma coisa qualquer.



### *Como garantir os direitos dos idosos?*

É só se colocarem no lugar destas pessoas. Se hoje sou um jovem, amanhã serei idoso e se a vida permitir chegar lá, posso perguntar-me: Como gostaria de ser assistido na minha velhice? Penso que é por aí. O jovem tem tempo para experimentar, mas quando se é idoso, nem sempre o tempo lhe é permitido. A velhice é bonita, mas também é exigente e urgente!

Deveriam criar espaços de encontro com todas as pessoas da sociedade de todas as idades. Como? Há-de se criar um jeito... Há campanhas para tantas coisas, agora para a assistência ao idoso é pesado? Não se consegue porquê?

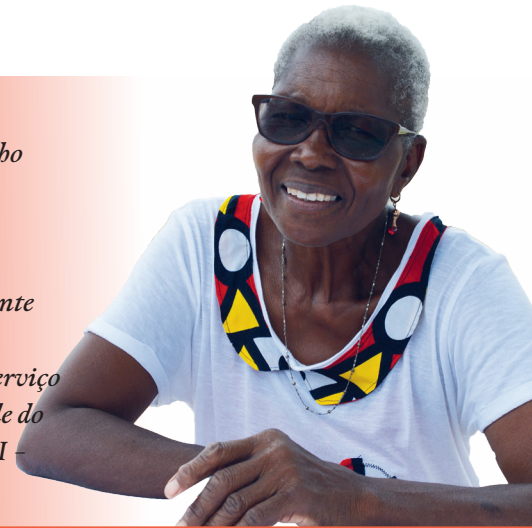


### *Que desafios existem para a efectivação dos direitos dos idosos hoje?*

Acredito que a falta de assistência de um modo geral é um dos principais desafios. Por exemplo, muitos idosos na idade incerta que vivem, até hoje, não têm nem um papel em que conste que é um cidadão. Há situações em que quando morre alguém, temos que pagar gasosa no cemitério porque essas pessoas em vida, sequer foram reconhecidas como cidadãs. Mas, aos poucos a realidade está a mudar, graças à colaboração de algumas pessoas, hoje, mais de 100 idosos já têm bilhete de identidade.

Por outra, o idoso não é reconhecido nem na sociedade nem na família ou comunidade. Acostumaram-se, chamam-nos apenas de “velhos, velhotes”, isso é triste! Nós queremos ser reconhecidos pelo nome, pela nossa história. A pessoa idosa ainda é pessoa e

*Esperança Manuel Lourenço de Carvalho Piedade, nasceu a 17 de abril de 1946, na província de Malange. Actualmente é coordenadora da Associação para o Serviço de Apoio e Dignidade do Ancião João Paulo II – ASADA.*



enquanto estiver viva, precisa de atenção, cuidado, precisa ser amada.

E além disso, para o idoso viver, é preciso que haja assistência ou seja, é preciso que o idoso encontre um amparo, onde vá buscar alguma coisa para si, uma cesta básica, por exemplo. Não é possível, o governo não permitir que estes idosos tenham alguma coisa para sobreviverem. Não estamos a pedir subsídios, que isso já nem se conta, mas que seja apenas uma cesta básica. O idoso precisa de esperança e de ter no mínimo, esta assistência por parte do Estado.

### *Que conselhos os idosos deixam às gerações vindouras?*

Que respeitem, amem a vida! Que conheçam cada etapa da sua vida e aproveitem-na. Quando nascemos, na etapa inicial somos iguais a um saco vazio, dependemos de um antecessor que meta neste saco alguma bagagem que tenha condições de mostrar as luzes da vida, o amor à vida, ao próximo... Já quando entramos na fase activa ou vigorosa, jovem até podemos ter fama, riqueza, mas precisamos de um bom encaminhamento, referências, para irmos de uma etapa para a outra e este caminho temos que estar dispostos a aprender. ●

Texto: *Silvia Cristina*

*reflectindo*

## O IDOSO EM ANGOLA



Antes de tecermos algumas considerações sobre o tema, queria tirar com a vossa permissão, o manto sujo que passava sobre o regime fascista português pelo fenómeno da aculturação perpetrada durante a colonização. Pois, volvidos mais de 40 anos já se pode absolver os malogrados Américo Tomás e Marcelo Caetano pela degradação da situação político-social em geral, no período pós-independência em Angola.

Desde longa data, na ausência de testemunhas escritas, a historiografia baseou-se em narrações e transmissões via oral e o idoso em Angola era e é o especialista da memória com o cargo da conservação e transmissão fiel das geneologias da história dos clãs e dinastias reinantes.

Nesta perspectiva, o idoso em Angola era tido no espírito do amor, respeito, estima e consideração. Hoje, o amor, respeito, estima e consideração com que era granjeada a pessoa da terceira idade, ficaram na tela.

*Hoje, o amor, respeito, estima e consideração com que era granjeada a pessoa da terceira idade ficaram na tela*

Da tela para o papel e do papel para o borrão, à sombra do esquecimento (destruir o velho para construir o novo), onde sofre todo o tipo de vicissitudes.

As políticas sociais de momento, cheias de bons discursos carecem de bons executores que possam tra-



Fotografia: © Adriano A.J Lourenço



Ancião aparentemente sem aposento nas ruas de Lubango | © Adriano A.J Lourenço

para boicotar esse mesmo discurso que no fim de tudo  
contra as populações está a pessoa idosa

O idoso em Angola  
de tivemos algumas considerações sobre o tema, quer  
a nossa perspectiva é muito mais que preservar  
regime fascista português pelo mínimo da aculturação  
durante a colonização. Pois, sabemos mais de qua-  
já se pode observar os malogrados Américo Tomás e  
tanto pela degradação da situação político-social em geral em  
período pós-independência em Angola.

Fotografia: © Ae Cupessala

duzir as palavras em actos, combate muito mais forte que a luta contra a corrupção.

Quando os governantes artilham os discursos, os executores preparam os *modus operandis* para boicotar esses mesmos discursos que no fim de tudo, os prejudicados são as populações. Entre as populações está a pessoa idosa sem eira nem beira, murcha como a folha de uma planta que aguarda a rega à sua volta para desabrochar que na maioria das vezes, acaba por secar e o idoso sucumbe ingloriamente. É esta a triste realidade que o idoso vive em Angola.

É de sublinhar que há uma classe de idosos que não vive este drama, os idosos pertencentes à minoria dominante do regime. Estes sim, saboreiam a vida na velhice com alguma dignidade. Os outros, os sem nome, apesar de tantas inseguranças, sabemos que o lugar natural para o idoso é viver no seio familiar podendo prestar algum serviço, recebendo amor, mas a insegurança também paira nas famílias dilaceradas posteriormente pelo regime.

Os males do sistema político atingiram as famílias e agora o desequilíbrio é total. A ASADA, Associação para o Serviço de Apoio e Dignidade do Ancião - João Paulo II, onde nos filiamos, consola-nos com as palavras do seu padroeiro João Paulo II que dizem:

“Os anciãos são ‘bibliotecas vivas’ da sabedoria, guardiões de um património inestimável de testemunhos humanos e espirituais. A velhice é o Outono da vida, é tempo favorável para que a pessoa idosa possa compreender melhor o sentido da vida e alcançar a sabedoria. Honrar os anciãos quer dizer: Acolhê-los, assisti-los e valorizar as suas qualidades”.

*A velhice é o Outono da vida, é tempo favorável para que a pessoa idosa possa compreender melhor o sentido da vida e alcançar a sabedoria. Honrar os anciãos quer dizer: Acolhê-los, assisti-los e valorizar as suas qualidades”*

Esperamos com agrado e sejam bem-vindas todas as iniciativas sociais que permitam aos anciãos cultivarem-se física, mental, intelectual, espiritual e socialmente, fazendo com que aumentem o gosto pela vida e o ancião pela eternidade. Este é o cariz da casa dos anciãos João Paulo II que com a ajuda dos seus benfeitores, dá uma cesta básica sempre que pode. A morte é uma “irmã” que nos conduz nos braços do pai que é o amor e a misericórdia.

É bonito poder gastar-se até ao fim pela causa do reino de Deus. Na verdade sinto grande paz quando penso no momento em que o Senhor me chamar. Todos os dias repito uma oração: Na hora da minha morte chamai-me e mandai-me ir para Vós para que rejubile com os anjos santos, por séculos e séculos. Amém! ●

Texto: *Jorge Quilenda “Pá Kilén”*

## notícias

# Uma vida pela comunidade

*Teresa Zambi vive no Kalawenda, no Cazenga, em Luanda e está comprometida com o desenvolvimento das mulheres e crianças à sua volta.*

Com 52 anos e oito filhos, Teresa Zambi reside no Cazenga, distrito do Kalawenda, é co-fundadora e presidente da Associação Mulher Raiz da Vida (AMRV), criada em 2008, para contribuir para a resolução dos problemas e o desenvolvimento de mulheres e crianças da comunidade.

Teresa Zambi coordena ainda uma das quatro equipas de trabalho da Formação que educa para a Transformação (TfT - Training for Transformation), facilitada pelo Mosaiko, no âmbito do projecto Promoção da Advocacia de Políticas Públicas Inclusivas em Angola, numa parceria com a Fundação Fé e Cooperação (FEC) e apoio da União Europeia e do Instituto Camões.



Teresa Zambi ao centro

Fotografia: ©A. Gongga

Depois de ter participado em Março e Agosto passado, no primeiro e segundo módulos do TFT sobre Género e Desenvolvimento e Literacia Orçamental e Análise Económico-social, respectivamente, a sua equipa identificou um problema: A preocupante situação do saneamento do Hospital Municipal do Cazenga.

E sob a liderança de Zambi, o grupo elaborou um plano de acção e realizou uma campanha de limpeza, cujos resultados foram apresentados durante o III Módulo do TFT, decorrido de 12 a 15 de Novembro. Contudo, a equipa deparou-se com outro problema: “As pessoas que vão lá fazem o mau uso do bem público, deixam o lixo em qualquer lugar, urinam e defecam fora das sanitas”, constataram.

“Por isso, decidimos que além de limpar, vamos também sensibilizar as pessoas da comunidade”, acrescentou Teresa Zambi que com as outras nove integrantes do grupo, vai realizar uma campanha de sensibilização no Kalawenda sobre a necessidade de se preservar o bem público, mobilizando jovens e adultos para uma actividade de limpeza no quintal do hospital que inclui o desentupimento da vala de circulação de água residual.

A direcção do hospital convidou representantes da AMRV para integrarem as reuniões semanais de avaliação e planificação da equipa técnica e advogarem pelos interesses da comunidade, junto da direcção do hospital. ●

Texto: *António Gongga*

## Construindo Cidadania

Rádio Ecclesia | 97.5 FM  
ZAP | Canal 504

Sábado  
às 08H30

